



UNIVERSITÀ DI ROMA "LA SAPIENZA"
INSTITUTO CAMÕES/PORTUGAL
CATTEDRA "P. ANTONIO VIEIRA"

Serie Strumenti

5

ISBN: 978-88-7853-009-6

3ª edizione marzo 2007

Edizioni **SETTE CITTÀ**

Via Mazzini 87

01100 Viterbo

tel 0761354620

fax 0761270939

skype settecitta

info@settecitta.it

www.settecitta.it

Sonia Netto Salomão

**A LÍNGUA PORTUGUESA
NOS SEUS ASPECTOS
MULTICULTURAIS**

SETTE CITTÀ

ÍNDICE

Nota introdutória	7
I. A situação do português contemporâneo: breve notícia	11
1. Portugal	12
2. Brasil	16
3. Cabo Verde	18
4. Guiné-Bissau	20
5. São Tomé e Príncipe	22
6. Angola	23
7. Moçambique	25
8. Timor Leste	27
II. Unidade e diversidade do português	31
1. As normas nacionais: o português europeu e o português brasileiro	34
1.1. Nível fonético	35
1.2. Nível morfológico e sintático	37
1.3. Formas de tratamento	39
1.4. Léxico	39
1.5. Grafia	40
2. O português africano: Angola e Moçambique	40
2.1. Nível fonético	43
2.2. Nível morfológico e sintático	43
2.3. Formas de tratamento	44
2.4. Léxico	44
3. Os dialetos portugueses	45
4. Os dialetos brasileiros	48
5. Os crioulos	50
III. Aspectos históricos do nascimento e da evolução da língua	61
1. A romanização da Península Ibérica	61
2. As invasões bárbaras	62
3. A invasão muçulmana	63
4. A Reconquista e o nascimento de Portugal	65
5. Os primeiros textos em português	71

6.	Do português médio e clássico ao português moderno	73
6.1.	Periodização	73
6.2.	Função dos escritores, gramáticos, filólogos	77
6.3.	Principais fenômenos da evolução até a contemporaneidade	79
6.3.1.	Nível fonético	79
6.3.2.	Nível morfológico e sintático	82
6.3.3.	Formas de tratamento	84
6.3.4.	Léxico	84
7.	O português do Brasil	85
7.1.	Aspectos históricos	85
7.2.	Diversidade geográfica e cultural	91
7.3.	Características principais do português do Brasil: as três posições principais	93
7.4.	Conclusões de pesquisas monográficas recentes	96
7.4.1.	Nível fonético	96
7.4.2.	Nível morfológico e sintático	97
7.4.3.	Formas de tratamento	100
7.4.4.	Léxico	101
7.4.5.	A questão da língua entre escritores, filólogos, linguistas	101
	a) Os Românticos: Gonçalves Dias e José de Alencar	101
	b) Do Modernismo à contemporaneidade	104
IV.	Alfabetos fonéticos	113
1.	O alfabeto fonético internacional	113
2.	O alfabeto fonético do português europeu	114
3.	O alfabeto fonético do português brasileiro	116

Nota Introdutória

Este trabalho é uma síntese dirigida especialmente aos alunos do curso de Língua Portuguesa do novo triênio da chamada “Laurea Breve”, na Itália.

A Cadeira de Língua e tradução e de Mediação lingüístico-cultural pressupõe o ensino das variantes europeia e brasileira (o uso tem consagrado estas expressões, e não “européia e americana”, como o paralelismo lógico poderia supor), com a relativa abordagem da situação lingüística africana e asiática, considerando também os crioulos de base portuguesa.

É fácil perceber a grande área de estudos e de saberes que envolvem tais cursos, na maioria absoluta dos casos ministrados a alunos que pouco ou quase nada conhecem dos países que formam a comunidade lusófona, embora extremamente interessados na problemática multicultural que tal universo suscita. Parte daqui a escolha de iniciar com uma perspectiva comparativa, buscando situar os problemas mais importantes que serão enfrentados no decorrer do triênio.

Deixada aos leitorados a importante incumbência da didática do português como língua estrangeira instrumental, os cursos monográficos, que aliás se reduziram muito em termos de carga horária, devem ater-se a um ensino ao mesmo tempo extensivo e limitado, por mais paradoxal que possa parecer, porque será tarefa dos cursos de especialização - a “Laurea Specialistica” - completarem aquele modelo que se deseja útil ao mercado de trabalho mais imediato. No nosso caso específico: a formação de tradutores e de mediadores culturais, destinados aos mais variados âmbitos institucionais públicos e privados. Os cursos objetivam formar também o futuro profissional de perfil clássico: professores, lingüistas, filólogos, e assim por diante. Estes, naturalmente, mais voltados para o nível acadêmico e as pesquisas de ponta.

Feitas as premissas, julgamos útil iniciar o capítulo I por uma breve apresentação do universo histórico, geográfico e literário sobre o qual o estudo da língua incide. Isto porque, nas seções seguintes, as descrições de lingüística descritiva e de lingüística histórica procuraram

seguir os fatos históricos, localizando o contexto geográfico e as questões sócio-culturais, o mais possível.

Tratamos das normas padrão escolarizadas, nas nossas descrições, acenando a outros níveis quando de interesse para os temas abordados. Como os alunos aprendem o português como segunda língua e têm oportunidade de tratá-la nas suas expressões correntes, coloquiais e informais nos leitorados (que se articulam no interior da mesma cátedra), a escolha é não só estratégica, como de necessário rigor científico.

Assim é que no capítulo II discutimos a unidade e a diversidade da língua portuguesa, sublinhando os problemas teóricos, metodológicos e políticos que tal temática envolve. E apresentamos as principais questões que se colocam nos vários níveis da língua, sincronicamente.

No capítulo III, que trata dos aspectos históricos do nascimento e da evolução da língua, não consideramos nem a evolução do latim imperial ao latim vulgar, nem a problemática do galego-português, que podem ser estudados pelos alunos em específicos cursos de filologia e lingüística românica ou, mais tarde, no âmbito da “Laurea Specialistica”, monograficamente.

Menos que um capítulo, o item IV apresenta os alfabetos fonéticos do português europeu e brasileiro nos quais nos baseamos e que será utilizado nos estudos de aprofundamento fonético e fonológico da língua.

Tanto para o português europeu (PE) como para o português brasileiro (PB), buscamos discutir os principais trabalhos monográficos sobre os diversos aspectos tratados. Chamo a atenção, neste caso, para as poucas pesquisas que têm desenvolvido a comparação entre o português europeu e o português brasileiro contemporâneos, resumidos nos capítulos II.1 e III.6-7.

Por último, este trabalho busca, a partir da difusa e extensa geografia do português, presente em quatro continentes, explicar porque se fala esta língua em tais contextos e quais são as suas características principais. A língua portuguesa, como toda língua viva, modifica-se, inclui ou exclui palavras (que “envelhecem” e podem “renascer”), altera-se na sua cadência, na camada fônica, morfo-sintática, enfim, em todos os seus níveis, de acordo com o uso que a comunidade dos falantes e

das intuições que interagem no seu interior julgam os mais aptos para a sua comunicação e para a sua identidade. A língua varia em termos históricos, geográficos, sócio-culturais e varia também quando em contato com outras línguas.

Tendo sido língua de transplante em contexto de colonização, a língua portuguesa entrou em contato com outras línguas européias (geralmente presentes nos territórios disputados) e também com línguas africanas, asiáticas, ameríndias. Já que a língua é elemento essencial da identidade nacional, é fácil perceber o importante debate em situação colonial e pós-colonial, e em presença dos crioulos, que a “questão da língua” necessariamente colocou e coloca. De modo que quando afirmamos - em relação a Portugal e Brasil, principalmente, - que a língua portuguesa mantém uma grande unidade, devemos levar em consideração todos os fatores enunciados acima. Devemos ainda estar alertas para não confundir níveis diversos de análise, como quando se comparam registros ou níveis diferentes (o escolarizado, o popular, o familiar, o de pessoas analfabetas) e situações pragmáticas diversas (situações conversacionais e de escrita diversas). Nesta unidade de comunicação, que tem-se reforçado em função da globalização da multimídia, há também a óbvia diversidade que o vasto contexto lingüístico-cultural comporta.

De modo que os países que hoje têm a língua portuguesa como língua nacional ou majoritariamente nacional, e como língua oficial, poderão por livre escolha, como nações independentes e soberanas, decidir chamar a sua língua de língua brasileira, angolana, moçambicana, cabo-verdiana, e assim por diante. As decisões políticas, se são tomadas com o respeito e a legitimidade da *consuetudo*, fazem parte do natural desenvolvimento que a complexa historicidade da língua comporta. Mas não é (e nem parece que será) este o caminho que a comunidade lusófona, nas suas diferente expressões e motivações, tem seguido.

Do ponto de vista dos estudos de lingüística aplicada, tão necessários para o melhor conhecimento do nosso objeto de estudo, o contexto das pesquisas apresenta-se, atualmente, bastante equilibrado. Principalmente entre os pesquisadores que não se deixam influenciar por paixões nacionalistas românticas e datadas ou por perspectivas

etnocêntricas que, muitas vezes, mesmo quando aparentemente liberais, escondem a má-consciência do colonizador arrependido. E nada é mais lamentavelmente equivocado que cair nas redes do extremismo ideológico.

Bem vindo, então, o espírito dos alunos que, na Itália, escolhem estudar a língua portuguesa, uma língua-irmã, como língua estratégica: aquela que, no bem e no mal, tem uma longa tradição européia e que é usada por uma grande comunidade de falantes; que conheceu e revelou o “outro” ao Velho Mundo, mas que também serviu à contestação do poder colonial e ditatorial, afirmando-se, renovando-se, impondo-se. Língua estratégica, ainda, porque o seu “império universal” pertence a Camões, a Vieira, a Fernando Pessoa, aos antropófagos brasileiros (Mário de Andrade, mas também Guimarães Rosa, Clarice Lispector), e ao plurilingüismo do rico mundo literário africano. Na Itália, aliás, o pragmatismo, às vezes excessivo, é verdade, leva à definição burocrática de “*lingue portoghese e brasiliana*”. E, então, é daí mesmo que temos que começar, ou recomeçar.